

São Paulo, 30 de setembro de 2010

Eleições: Cientista político aposta na eleição de Dilma e numa oposição mais forte do que a dos governos FHC

PT e PSDB se manterão como polos, diz Limongi

Caio Junqueira | De São Paulo
30/09/2010

Considerado um dos principais estudiosos da política brasileira, Fernando Limongi, doutor pela Universidade de Chicago e livre docente pela USP, considera as eleições deste ano definidas em favor da candidata oficial do governo, Dilma Rousseff (PT), mas posiciona-se contrariamente às vozes que vaticinam o fim da oposição no país. Para ele, o principal partido que a representa, o PSDB, se manterá como polo oposicionista em contraponto à principal legenda governista, o PT, mantendo-se, assim, o duopólio político-partidário nestas e nas próximas eleições presidenciais.

"Há um duopólio no Brasil já constatado desde 1994 e que se manterá em 2014, 2018... Essa é a tendência e muito dificilmente alguma terceira força conseguirá furar isso", afirmou ontem em palestra na avenida Faria Lima, um dos centros financeiros de São Paulo. Durante duas horas, Limongi, avesso a exposições do gênero, apresentou a mais de duzentos advogados e clientes do escritório Araújo e Policastro suas expectativas para o cenário político nos próximos anos.

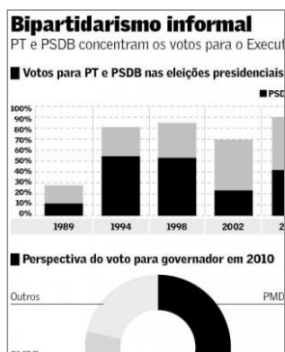
"Sempre tem um terceiro partido tentando destruir esse duopólio, mas sempre com distância grande, sem ameaçar o segundo colocado. Mais do que isso, a identidade do terceiro colocado se altera eleição a eleição, não é uma força emergente", disse.

Ele avaliou que a vitória de Dilma -que ele dá como certa- é mais obra da repercussão do crescimento da economia nas camadas mais populares do que de uma estratégia errática da oposição no decorrer do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ou mesmo na campanha eleitoral.

Davilym Dourado/Valor -
30/7/2008



Limongi: "A oposição sairá tão forte que até candidato já tem, Aécio Neves"



"Em certa medida, a derrota do Serra independe do que ele tenha feito. Quem quer que tivesse sido candidato pelo PSDB seria derrotado, dada as condições da economia. Raramente foi observado no mundo um processo de distribuição de renda tão rápido e tão espetacular. Dificilmente a oposição venceria", afirmou, a quatro dias da disputa do primeiro turno em um cenário no qual as pesquisas apontam indefinição quanto à possibilidade ou não de segundo turno.

Ele afirmou, porém, que "se analisar como o PT se comportou quando era oposição e como o PSDB e o DEM se comportaram quando oposição, é claro que o PT foi capaz de formular e passar à população a imagem de que tinha uma proposta alternativa". "O PT claramente soube se distinguir e marcar diferença em relação ao que fazia diferente. Não fez nada do que disse, mas isso são 'outros quinhentos'. O importante é, enquanto oposição, dizer que é alternativa. O PSDB ficou em posição muito difícil porque, ao dar continuidade ao programa do PSDB, se viu em uma sinuca de bico. Como vai criticar o PT por fazer o que ele havia feito?", disse.

No entanto, o cientista político avalia que "as previsões de que a oposição vai desaparecer são absolutamente exageradas". "O temor, o tom da campanha do PSDB, de alguns intelectuais ligados ao PSDB, de que a oposição estava ameaçada, em um processo de 'mexicanização' e 'venezualização', são absolutamente equivocadas", declarou. "Será uma oposição em um quadro similar ao que era a da oposição ao governo FHC, mas muito mais forte por conseguir manter Estados como Minas Gerais e São Paulo. Não existe nenhum sinal de que ela esteja sendo esmagada."

Tanto é assim, que Limongi afirma que os tucanos já têm até candidato daqui a quatro anos. "Já tem candidato até. O Aécio. Foi preservado nessa eleição e isso foi bom para o PSDB. Foi bom que não entrou de vice do Serra para não sair chamuscado. Pode ter uma grande vitória em Minas, elegendo o sucessor e dois senadores, o que é muito importante. Ele sai muito fortalecido."

À força do tucano mineiro, porém, Limongi atribui parcela de responsabilidade ao PT, que estabeleceu uma estratégia de privilegiar a campanha nacional em detrimento das estaduais.

"A vitória do Aécio tão significativa se deve a uma estratégia do PT também, que tinha candidatos fortes para governador mas em nome dessa composição, cedeu a vez para o PMDB", disse.

Limongi disse que o PT assume a mesma estratégia eleitoral das eleições de 1998, de ceder a disputa para governos estaduais em troca do apoio à disputa presidencial. Naquele ano, isso foi feito no Rio de Janeiro em troca do apoio do PDT. "Não é de hoje que o PT troca compromissos programáticos por votos. Sempre fez coalizões, sempre foi um partido pragmático, eleitoral", diz.

Ele lembra que, nas eleições de 1989, o PT foi o único partido a se coligar dentre os 21 postulantes. Coligou-se com o PSB. Em 1994, com o PCB, PV e PSB. Em 1998 o PDT entrou nesse grupo. É ao apresentar essa evolução nas candidaturas de centro-esquerda no que ele defende a tese do bipartidarismo informal brasileiro. No campo político-partidário de centro-direita, afirma que a evolução das candidaturas foram se consolidando em torno do PSDB, que agregou partidos como o DEM (ex-PFL), o PTB e o PP. "Trato essas duas coalizões como se um partido fosse. E ela se repete nas disputas estaduais também"

O PMDB, segundo Limongi, é o único partido que faz sombra a esses dois "partidos". "É o que tem capacidade de se opor a esses dois polos, mas não é propriamente independente deles. Em diferentes Estados tem ido para um ou outro lado. Por isso que as eleições são fundamentalmente bipartidárias", avalia. Diz também que "o PT sempre quis vir para o centro com o PMDB mas, enquanto o PSDB fechou essa possibilidade se aliando com os pemedebistas, o PT não encontrou parceiros para esse deslocamento". "Quando em 2002 houve a luta na coalizão PSDB e PFL, esse espaço foi aberto", disse.

O quadro de concentração na disputa para os Executivos não se reflete, contudo, no Legislativo. Ali, Limongi vê grande e crescente fragmentação partidária, com características típicas de um regime parlamentarista. "O presidencialismo brasileiro confere grande poder de agenda política e capacidade legislativa ao presidente, por isso precisa compor uma coalizão. O presidente aqui é análogo a um primeiro ministro da Inglaterra ou da França".

Ele disse ainda que, ao contrário do que é pregado na "mitologia do sistema político brasileiro", é mais importante aos partidos pequenos e médios se coligarem com o governo do que o contrário. "A questão é saber qual o poder de barganha e de ameaça desses partidos pequenos e médios. Eles não têm nenhum poder de barganha. Para onde iriam sem o governo? Não têm para onde correr. Não têm aspiração a nenhum governo estadual e a menor chance de ganhar a Presidência".